

Santos, 19 de outubro de 2021.

CONDEPASA – Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Santos

Exmo. Sr. Presidente **Márcio Borchia Nacif**.

**Assunto: solicitação de abertura de processo de tombamento da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, a FAUS. Edifício Modernista e patrimônio cultural e documental da Região Metropolitana da Baixada Santista.**

**Solicitante: Jornada Santista do Patrimônio Histórico, representada pela arquiteta e urbanista Jaqueline Fernández Alves, RG 10.959.841-6, domiciliada à Rua Nabuco de Araújo nº139 ap. 81, em Santos.**

Prezado Senhor,

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, a FAUS, é uma das mais renomadas escolas de arquitetura do estado de São Paulo, formando profissionais há mais de 50 anos. Criada por iniciativa de um grupo de arquitetos entre os quais um de seus mais notórios incentivadores o arquiteto e urbanista santista Oswaldo Correa Gonçalves, se tornou um marco da excelência de ensino no estado de São Paulo.

Com sede própria projetada em 1973 pelos Arquitetos Michail Lieders e Oswaldo Corrêa Gonçalves,<sup>1</sup> foi inaugurada em 1976 e, dispendo de 3.920,00 m<sup>2</sup>, desde então permanece com a mesma função – Curso de Arquitetura e Urbanismo – com salas de aula adequadas, infra estrutura educacional estruturada e um ateliê que caracteriza e referenda a sua competência como espaço imprescindível para a formação qualificada dos profissionais da área.

O prédio da FAUS, como é conhecido, está localizado na Avenida Conselheiro Nébias, 595, no bairro do Boqueirão na cidade de Santos-SP, faz parte do complexo estudantil pertencente a Universidade Católica de Santos - Unisantos e apresenta bom estado de conservação, apenas com intervenções posteriores e reversíveis, tais como: deslocamento da entrada principal do edifício para a lateral direita, colocação

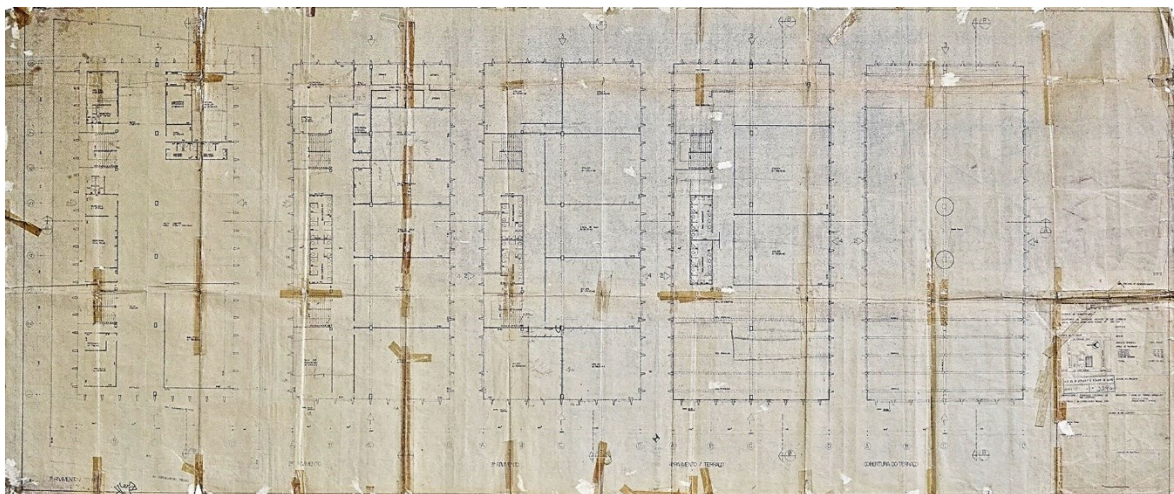
---

<sup>1</sup> **Michail Lieders**, nascido na cidade de Praga na Tchecoslováquia no dia 14 de outubro de 1944, filho de Alexandre Lieders e Helena Prochazka Lieders, veio para o Brasil e se formou na FAU-USP em 1968. Foi sócio de Carlos Ferro e Alfred Talaat cujo escritório teve como colaboradores os destacados arquitetos André Vainer, Guilherme Paoliello e Anselmo Turazzi. Foi vencedor junto com o arq. Marcos Acayaba dos Concursos Públicos Estaduais para a construção dos Escritórios Regionais de Planejamento das cidades de Araçatuba, Bauru e Marília, promovidos pela Secretaria de Estado do Planejamento do Estado de São Paulo e Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento de São Paulo em 1976. **Oswaldo Correa Gonçalves**, nascido em Santos no dia 27 de fevereiro de 1917, filho de Balbina e Pedro Borges Gonçalves, família tradicional e abastada da cidade, passou a infância em um casarão próximo ao Orquidário Municipal da cidade, em frente a um dos canais de drenagem projetados por Saturnino de Brito no início do século XX. O engenheiro-arquiteto Oswaldo formou-se na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo em 1941 e, desde então, esteve preocupado com a formação e com a prática profissional, foi professor na FAU-USP entre 1954-1955, exerceu a prática profissional através de seu escritório e das associações com outros profissionais além da atuação nas entidades de classe sendo, inclusive, presidente do IAB/SP,

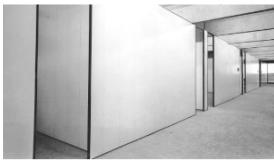
de grade na frente do prédio, fechamento do pergolado na cobertura com instalação de telhado e forro, colocação de porta na entrada e diversas compartimentações internas para abrigar salas e laboratórios de acordo com as novas demandas do MEC.



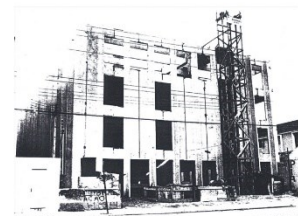
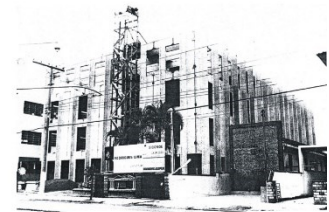
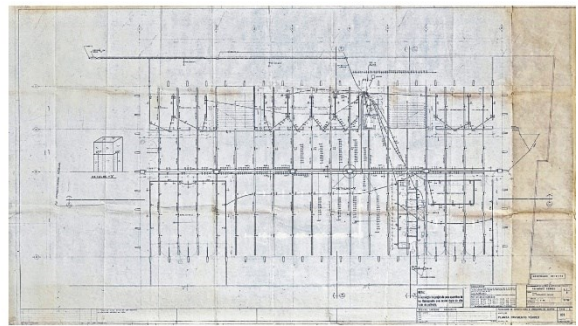
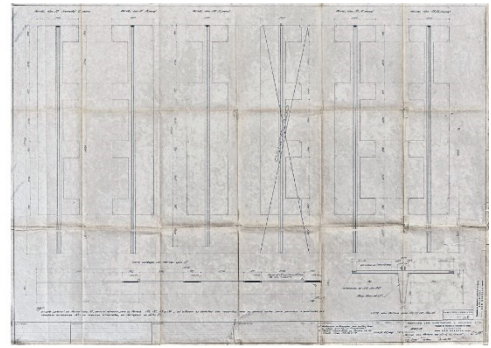
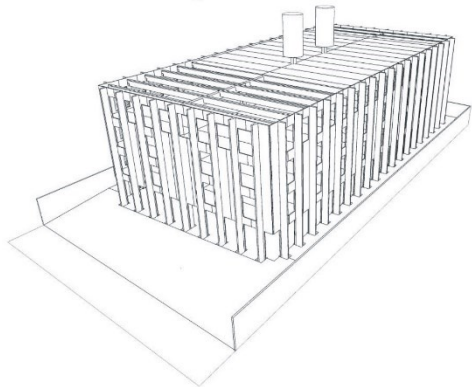
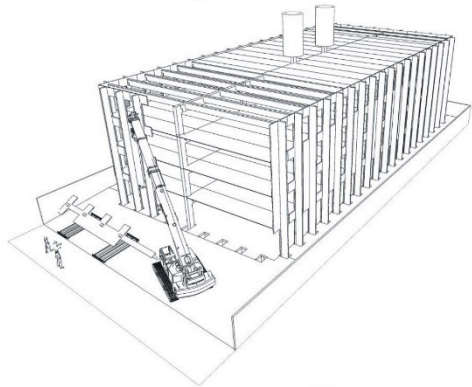
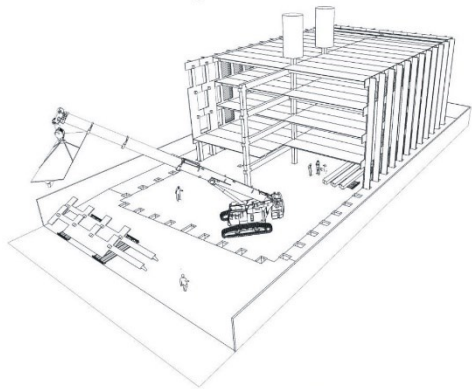
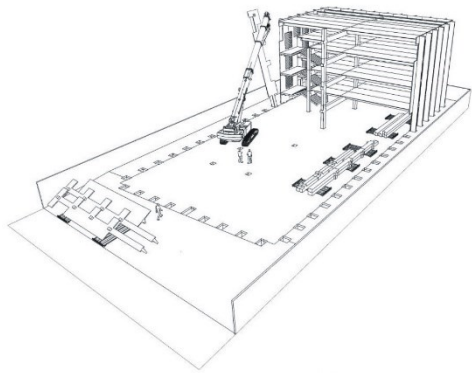
SITUAÇÃO DA FAUS E CAMPUS DOM IDÍLIO NA AVENIDA CONSELHEIRO NÉBIAS EM SANTOS



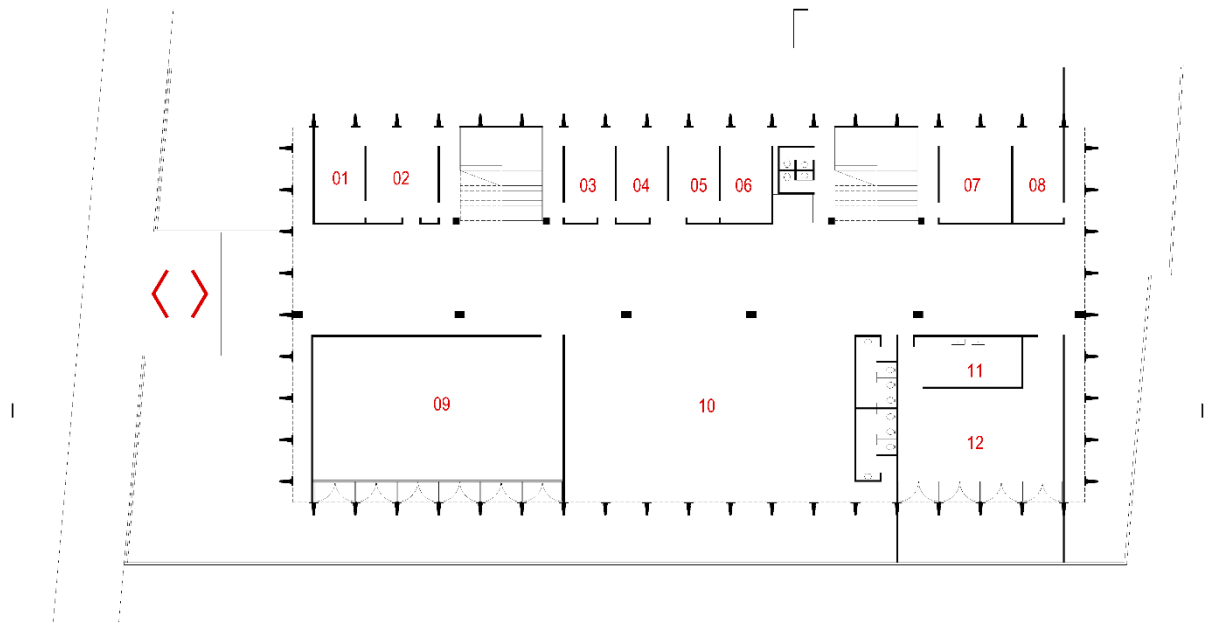
Versão do projeto para o prédio da FAUS apresentada na Prefeitura Municipal de Santos em 1973.



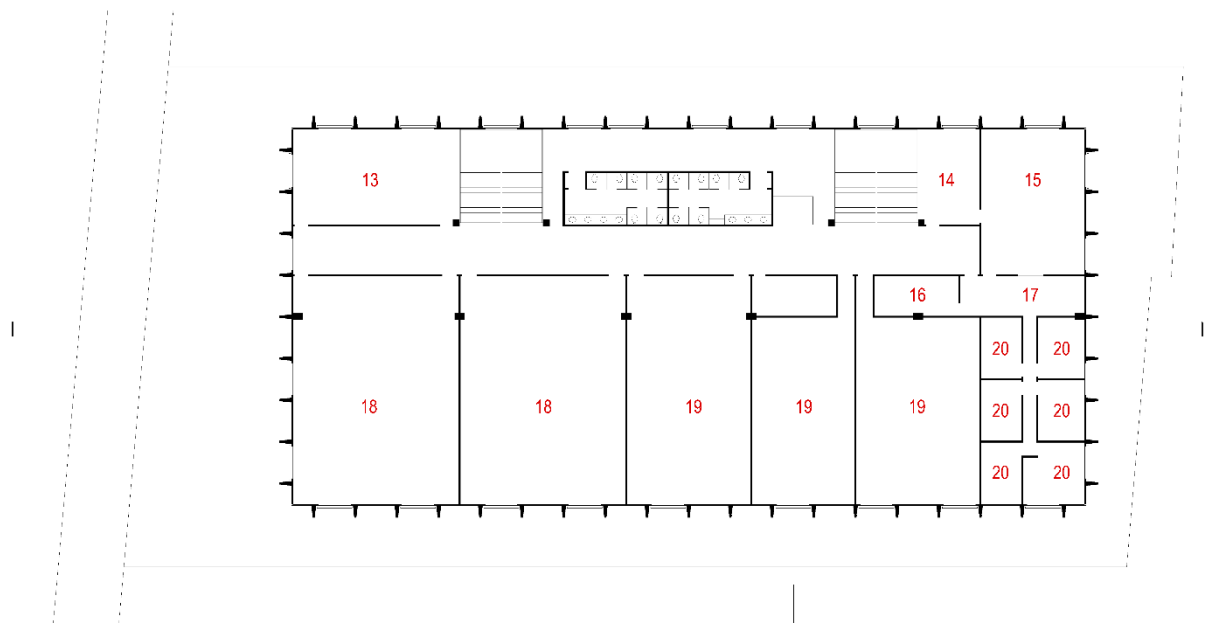
Coluna da esquerda acima, prédio da FAUS inaugurado em 1976, nota-se a ausência de portas; abaixo sala de aula e circulação e vista interna do pavimento térreo, dos fundos para a frente. Coluna da direita acima, aspecto da Avenida Conselheiro Nébias no final da década de 1970, a partir do pergolado da FAUS; abaixo, vista interna do Atelier sem esquadrias e vista externa do prédio. Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.



À esquerda, diagrama do processo construtivo. À direita, de cima para baixo, projeto executivo estrutural dos painéis de fechamento e painéis de laje; projeto executivo das instalações elétricas do pavimento térreo; fase final da construção com as peças montadas e execução das fundações do prédio da FAUS. Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.



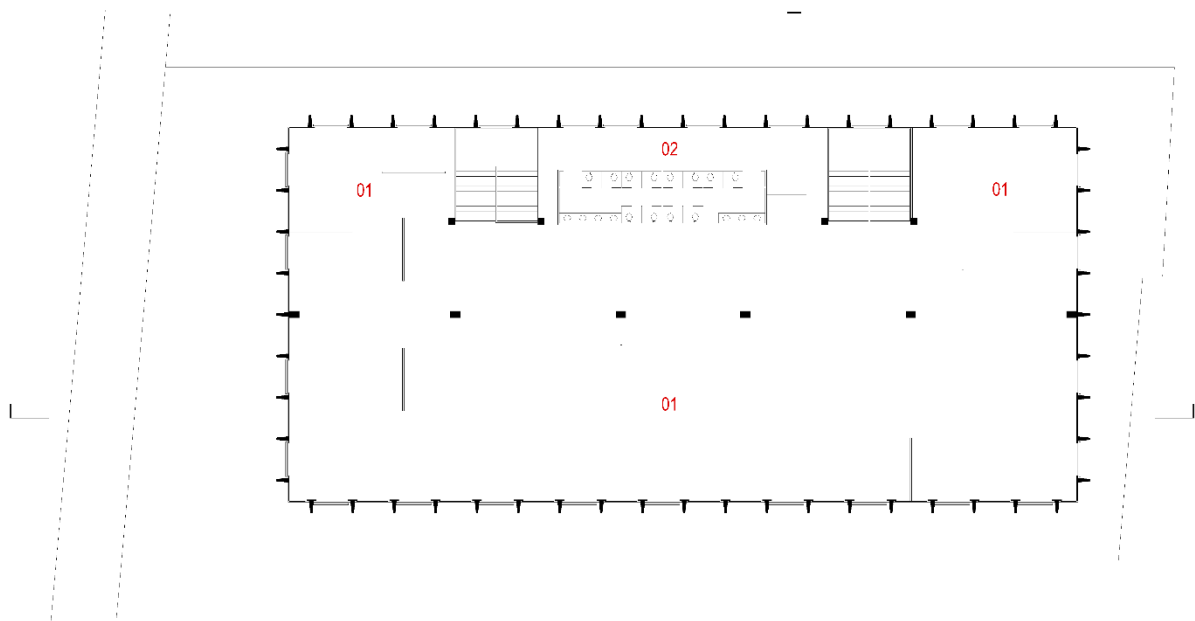
NÍVEL +0.90m. PLANTA DO PAVIMENTO TÉRREO



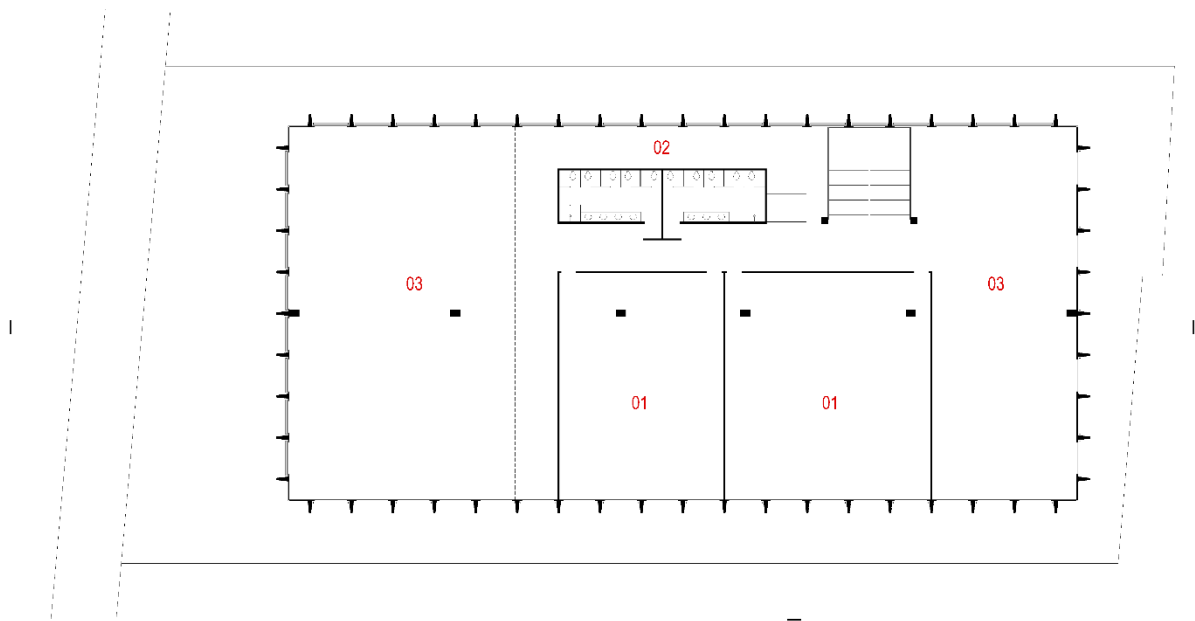
NÍVEL +4.90m. PLANTA DO 1º PAVIMENTO



01 TESOURARIA 02 SECRETARIA GERAL 03 SECRETARIA DE CIÊNCIAS HISTÓRICAS 04 SECRETARIA DE TECNOLOGIA 05 SECRETARIA DE PROJETO 06 DIRETORIA  
07 CONSELHO DEPARTAMENTAL 08 MECANOGRRAFIA 09 BIBLIOTECA 10 MÚLTIPLO USO|PRAÇA COBERTA 11 LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO 12 MAQUETARIA 13 SALA DOS  
PROFESSORES 14 DIRETORIA 15 SECRETARIA SERVIÇO SOCIAL 16 TESOURARIA 17 CIRCULAÇÃO 18 ATELIER 19 SALA DE AULA 20 ESTÁGIO



NÍVEL +8.90m. PLANTA DO 2º PAVIMENTO

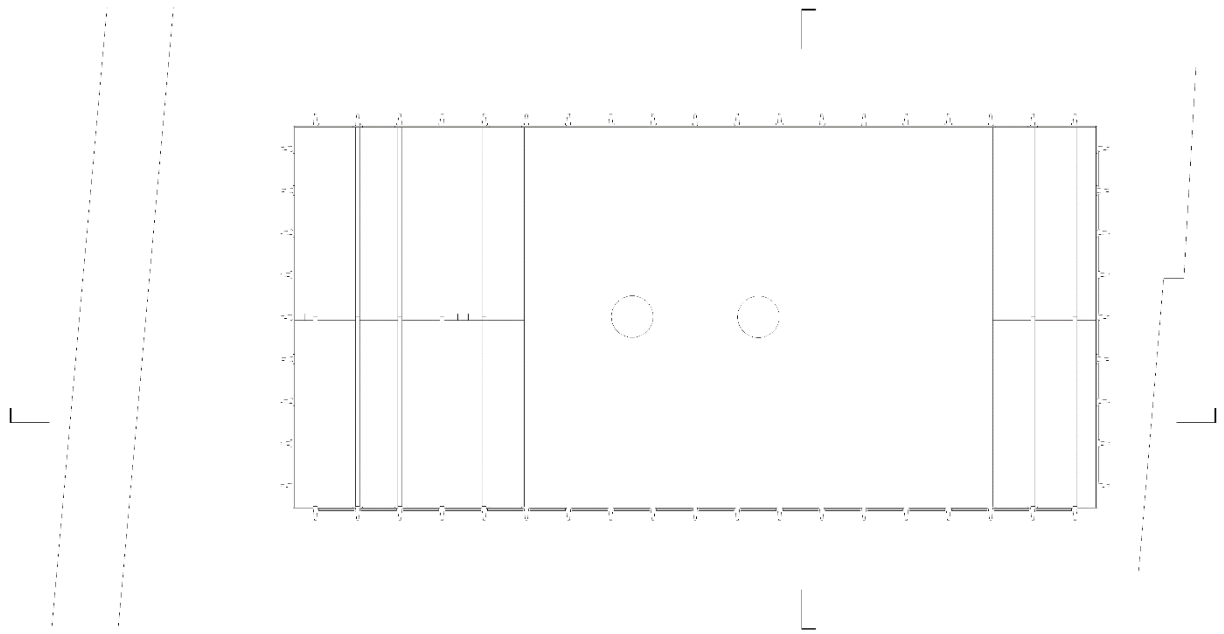


NÍVEL +12.90m. PLANTA DO 3º PAVIMENTO

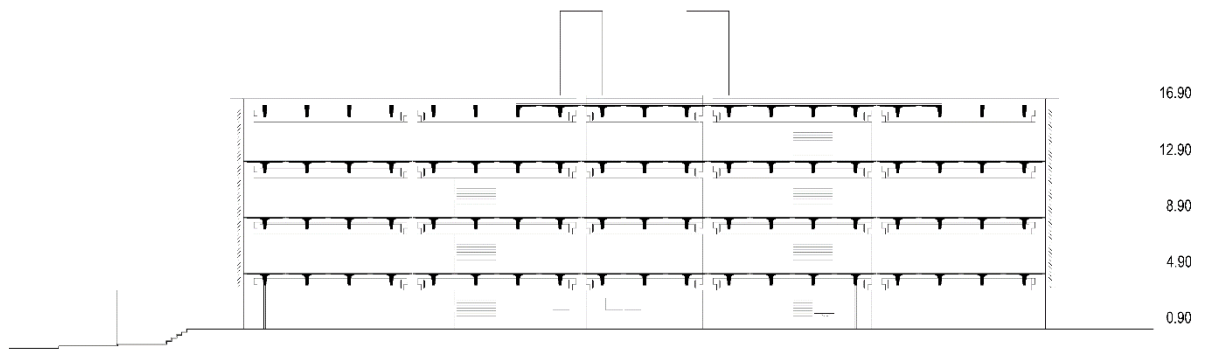
0 1 5 10 

01 ATELIER 02 APOIO 03 PERGOLADO

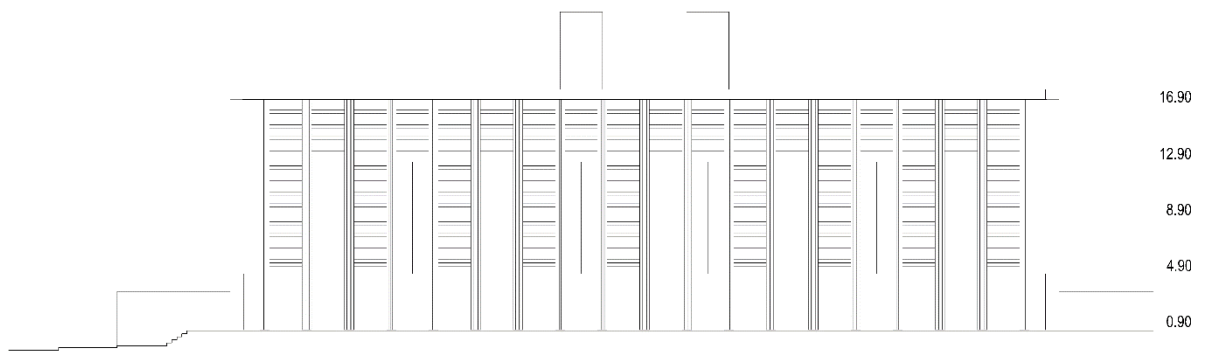
Projeto original 1976. Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.



NÍVEL +16.90m. PLANTA DA COBERTURA

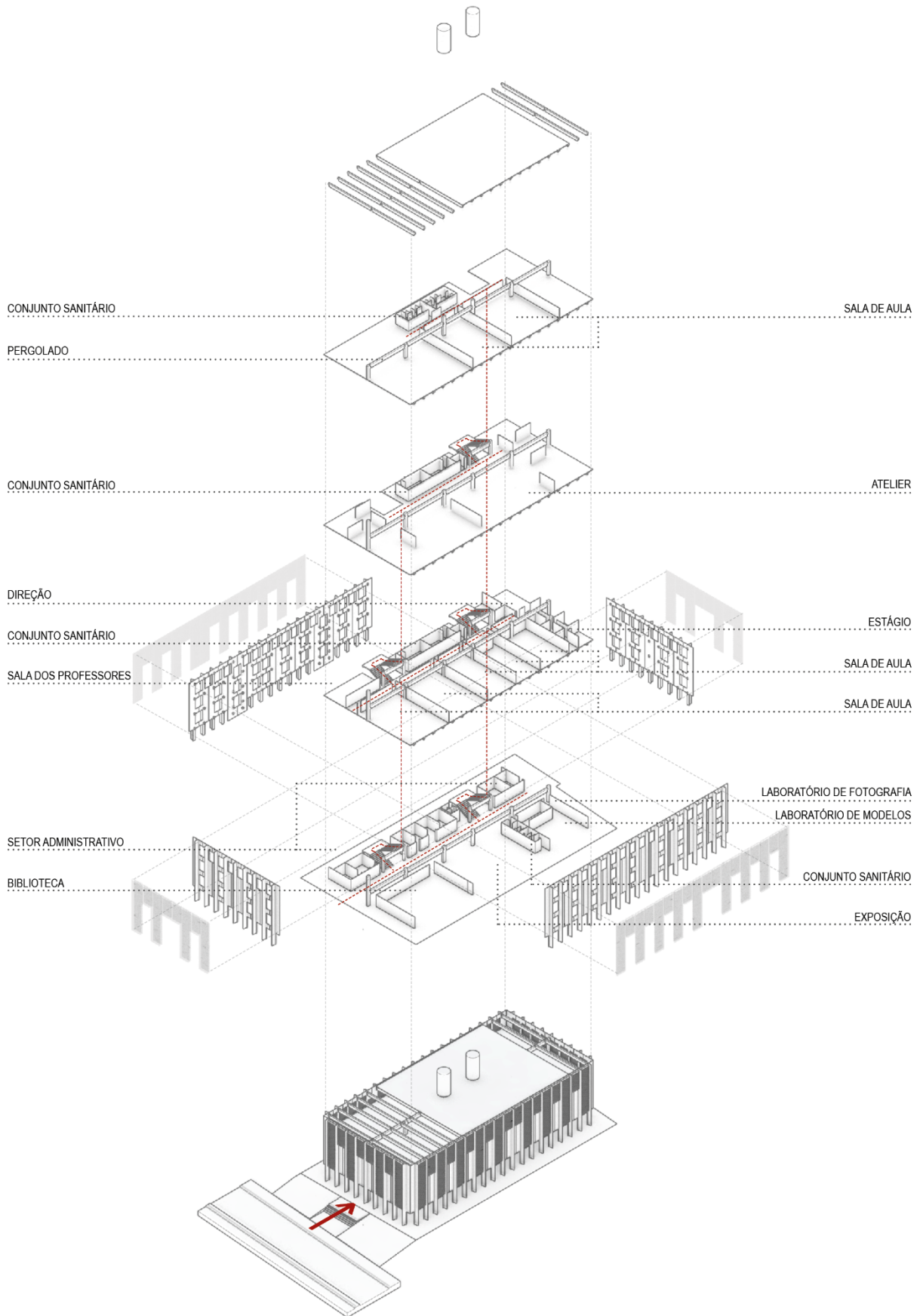


CORTE LONGITUDINAL



ELEVAÇÃO SUL







Acima à esquerda, professor Jon Andoni Vergareche Maitrejean, antes de assumir a direção da FAUS, foi beneficiado pela anistia política implantada no país em 1979, sendo reintegrado, juntamente com os professores João Batista Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha ao quadro docente da FAU-USP. Abaixo, Restaurante Lobby, frequentado por alunos e professores da FAUS. Prédio da FAUS aberto para a cidade.



Fachada principal do Prédio da FAUS-Santos (2017). Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.



Vista do prédio da FAUS no contexto urbano (2017). Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.



Vista do Atelier no segundo andar do Prédio da FAUS (2017). Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.

O texto justificativo que se segue tem como fonte a Tese de Doutorado do Arquiteto e Urbanista José Maria de Macedo Filho intitulada “*Projeto FAUS – ensaios no campo ampliado do ensino da arquitetura em São Paulo*”<sup>2</sup>, que elaborou um trabalho completo sobre a criação da FAUS e a importância das atividades práticas do ensino do projeto em atelier, o coração desse lugar de memória. Além disso a relação consolidada e o estabelecimento de alianças ideológicas, políticas e

---

<sup>2</sup> MACEDO FILHO, J. M. D. Projeto FAUS, ensaios no campo ampliado do ensino de arquitetura em São Paulo. 2020. 350 p. Tese (Doutorado em arquitetura e urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-01042021-181816/pt-br.php>> acesso em 19 de outubro de 2021

pedagógicas de docentes e discentes que consolidaram o modo paulista de pensar e fazer arquitetura transformando esse espaço em um dos mais importantes centros de produção do saber da arquitetura juntamente com as únicas duas escolas existentes no estado de São Paulo naquele momento: a FAU-USP e a FAU-Mackenzie.

Uma escola de arquitetura deve estar intimamente ligada com a indústria e o povo e tudo o mais, do país a que serve. [...] E o que é mais importante, como organizar uma escola para nós de maneira que se adapte às nossas possibilidades, ao nosso meio.<sup>3</sup>

A relação entre o homem e o mar é o principal elemento que marca a identidade dos municípios da Baixada Santista. O Porto de Santos é o agente estruturador do desenvolvimento regional. Assim, as nove cidades que compõem a atual Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS), Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente, nasceram e se desenvolveram em consequência da facilidade de acesso ao mar e continuam dependendo, direta ou indiretamente, dele. Localizada na região Sudeste, no litoral central do estado de São Paulo, limitada pela serra do Mar e o Oceano Atlântico, se estende de Norte a Sul tendo como limites continentais administrativos a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) a oeste, ao norte os municípios da Região de Caraguatatuba, e o Vale do Ribeira ao sul e sudoeste. Segundo dados do IBGE de 2015, a região ocupa a área de 2.373 km<sup>2</sup> com uma população de 1.668.428 habitantes. Santos é o município mais populoso, com 433.966 habitantes, e sede do principal porto brasileiro.

A estreita relação da Baixada Santista com o Planalto Paulista existe desde os quadros do povoamento indígena e, apesar de configurarem regiões independentes, a presença do Porto de Santos a partir do processo de colonização iniciou um processo de interdependência implícita entre São Paulo e Santos, conferindo aos dois municípios a característica de “cidades conjugadas”. A consolidação dessas relações veio a partir de meados do século XIX, com a necessidade de escoamento da produção cafeeira oriunda do interior paulista, fenômeno que provocou o exponencial crescimento das atividades portuárias e o inevitável crescimento da cidade de Santos, e culminou com a construção, em 1865, da *São Paulo Railway*: a ligação ferroviária entre Santos e Jundiaí, passando pela cidade de São Paulo. O histórico problema geográfico representado pela Serra do Mar ofereceu grande dificuldade técnica e econômica para a implantação da ferrovia, fator determinante para a construção de uma única linha, um único segmento entre o mar e as fazendas de café.

Essa condição permitiu que a cidade de São Paulo assumisse a função de local de transbordo, uma espécie de porto seco, funcionando como uma extensão do porto de Santos. Dessa maneira, configurou um centro, a partir do qual os caminhos se abriam para todas as direções rumo ao interior. Não obstante, no final do século XIX, o surto de desenvolvimento econômico naturalmente trouxe consigo um substancial adensamento populacional da área urbanizada da cidade de Santos, principalmente junto ao porto. Tal processo, atrelado à falta de planejamento urbano e incremento da infraestrutura existente, resultou na proliferação de uma série de epidemias que rapidamente se alastraram e passaram a ameaçar São Paulo e as cidades do interior, ironicamente, através da mesma ferrovia. Com o objetivo de resolver esse problema, o Estado criou a Comissão de Saneamento de Santos e, no início do século XX, um

---

<sup>3</sup> Carta de Vilanova Artigas a Oswaldo Corrêa Gonçalves. Nova York, 27 de dezembro de 1946, 3p. Arquivo Biblioteca da FAUS.

amplo projeto urbano e sanitário foi realizado pelo Engenheiro Sanitarista Saturnino de Brito, visando o saneamento e a ocupação de todas as áreas desabitadas dos arredores de Santos, aliviando a densa ocupação da área central.

O plano de Saturnino de Brito previa a drenagem de áreas alagadiças a partir de um sistema de canais a céu aberto que também deveriam ser capazes de escoar as águas pluviais e regular os níveis do lençol freático da cidade. Foi elaborado em conjunto um sistema elevatório de esgoto, separado das águas pluviais e escoados através de uma extensa malha de tubulações subterrâneas, sendo o alto mar seu destino final. Além do caráter profilático, o plano de Saturnino visava a ocupação da ilha, pois os canais implantados naturalmente configuraram potentes estruturas de viabilização do desenho urbano das áreas recém conquistadas e, do ponto de vista cultural, converteram-se na principal referência paisagística e simbólica da malha urbana da cidade de Santos. Nesse sentido, essas ações foram suficientes para orientar a expansão e a ocupação das porções sul e leste da ilha, junto à orla da praia, invertendo o antigo vetor oeste de crescimento que, devido à proximidade com o planalto, avançava na direção de Cubatão.<sup>4</sup>

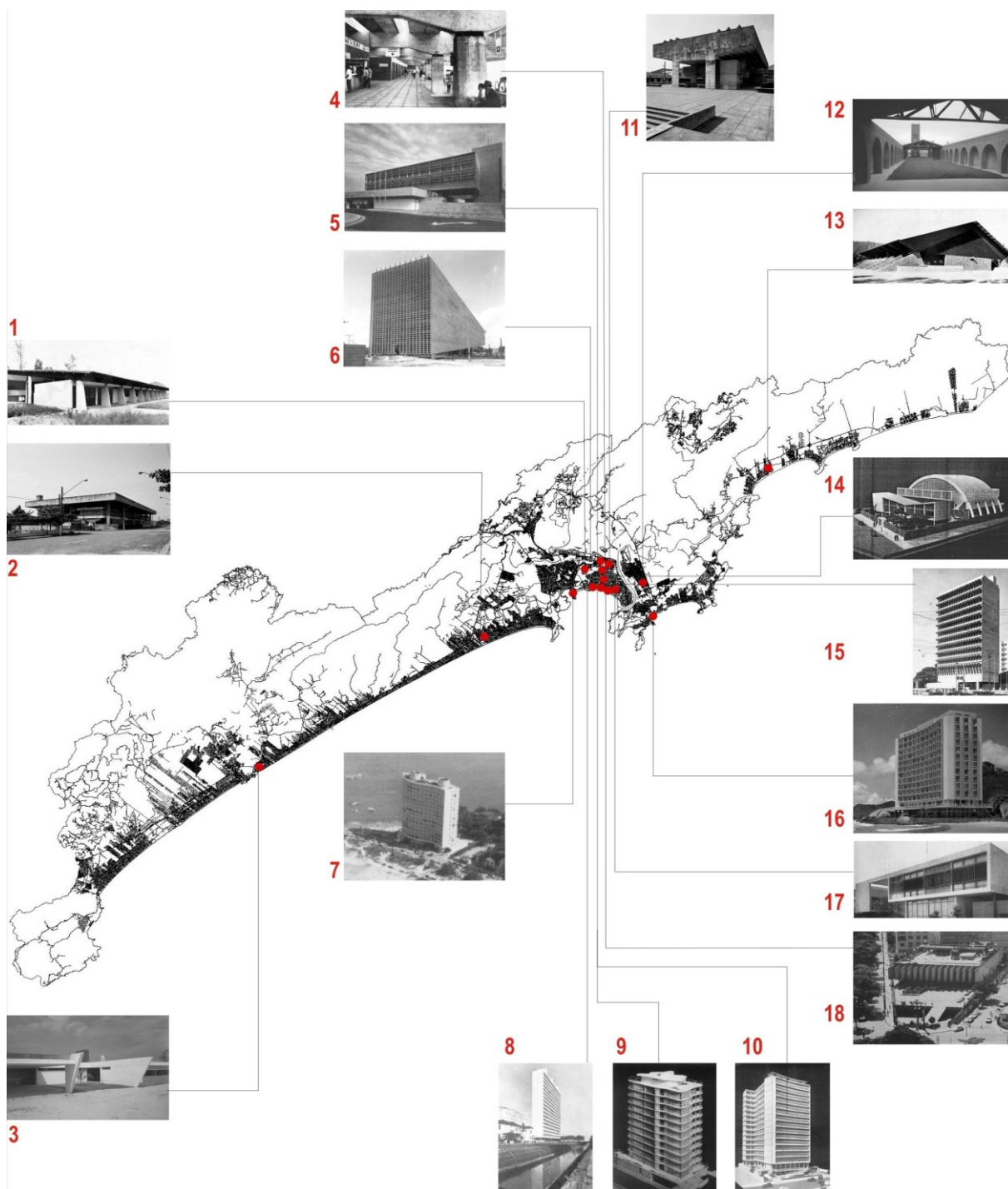
Concluídas as obras, o conjunto de canais de Saturnino funcionou como uma gigantesca e eficiente máquina hidráulica de drenagem e, naturalmente, com o passar dos anos a cidade se transformou. As atividades portuárias, o comércio e os serviços cresceram mais qualificados e a vida cultural foi incrementada com a construção de novos equipamentos importantes como teatros, clubes e hotéis. Ao mesmo tempo em que a cidade avançava em direção à orla das praias, lugar mais agradável para se viver, o centro passava a ser visto exclusivamente como local de trabalho, para realização das atividades comerciais e administrativas. Em 1947, a inauguração da Rodovia Anchieta constituiu outro importante vetor de desenvolvimento do litoral de São Paulo na medida em que encurtou, ainda mais, as distâncias entre a Baixada Santista, a cidade de São Paulo e o interior do estado.<sup>5</sup> Naquele momento, a região, além de reforçar seu potencial de desenvolvimento econômico, passou a ser vista como um lugar para o descanso e lazer, tendo o mar como grande fonte de recursos terapêuticos para a população do estado de São Paulo.

Nesse novo vetor surgiram bairros dotados de infraestrutura suficiente para permitir a construção de grandes casarões, em um primeiro momento, implantados ao longo das Avenidas Ana Costa e Conselheiro Nébias e em seguida em frente ao mar, ao longo da Avenida da Praia. Na década de 1940, com o aumento do turismo e da população nos fins de semana, apareceram os primeiros edifícios com até dez pavimentos, o que incentivou o setor da construção civil a fazer grandes investimentos nessas áreas privilegiadas. As empresas que atuavam na capital perceberam a oportunidade e construíram grande parte dos edifícios desse período. Vale destacar que as construtoras paulistas, inexoravelmente, contratavam os escritórios de arquitetura também originários da capital, a exemplo de Franz Heep, Ícaro de Castro Mello, Pedro Paulo de Mello Saraiva, Botti & Rubin, Zenon Lotufo, entre outros. As cidades de São Vicente e Guarujá não ficaram fora desse processo e também experimentaram um grande desenvolvimento imobiliário em suas orlas, um verdadeiro processo de valorização das praias "como franja de veraneio da metrópole que se estruturava a partir de São Paulo".

---

<sup>4</sup> LANNA, Ana L. Duarte. *Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913*. São Paulo-Santos: Hucitec, 1996. p. 99.

<sup>5</sup> A Via Anchieta beneficiará extraordinariamente a cidade de Santos, principal balneário do Estado de S. Paulo, atraindo para suas praias grande número de veranistas da capital e do interior, maltratados pela rudeza de uma rodovia impraticável." In: *Jornal A Tribuna* de 6/11/1946.



Alguns exemplares da arquitetura moderna existentes na região da Baixada Santista nos anos 1970. **1** Escola Morro Nova Cintra, 1969 - Walter Maffei. **2** Colônia de férias do Sindicato dos Têxteis, 1970 – Vilanova Artigas. **3** Ginásio de Itanhaém, 1959 – Vilanova Artigas. **4** Rodoviária de Santos, 1967 - Flávio Pastore e Luigi Villavecchia. **5** Pronto Socorro Municipal, 1976 - Oswaldo Corrêa Gonçalves. **6** Teatro Municipal de Santos, 1961 – Julio Katinsky, Oswaldo Corrêa Gonçalves e Abrahão Sanovicz. **7** Edifício Maraú, 1955 – Lauro da Costa Lima. **8** Edifício Porto Fino, 1961 – Pedro Paulo Saraiva. **9** Edifício Arco Iris, 1957 – Zenon Lotufo. **10** Parque Verde Mar, 1953 – Artacho Jurado; **11** Grupo Escolar 7 de setembro, Colégio Acácio, 1960 – Decio Tozzi. **12** Escola Conceiçãozinha, 1976 – Vilanova Artigas. **13** SESC de Bertioga, 1968 - Ícaro de Castro Mello. **14** Clube Atlético Santista, 1947 – Ícaro de Castro Mello e Oswaldo Corrêa Gonçalves. **15** Edifício da PRODESAN, 1960 - Flávio Pastore e Luigi Villavecchia. **16** Edifício Sobre as Ondas, 1951 – Jayme Rodrigues e Oswaldo Corrêa Gonçalves. **17** Casa Heitor Almeida, 1949 – Vilanova Artigas. **18** Clube XV, 1964 – Francisco Petracco e Pedro Paulo Saraiva. Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.

Em 1956, Juscelino Kubitschek, ao assumir a presidência da República com seu lema '50 anos em 5', deu início à implantação da indústria automobilística na região do ABC paulista, ao mesmo tempo em que instalava o parque industrial de Cubatão com a implantação do polo petroquímico e do parque siderúrgico, obras de grande porte e valor estratégico nacional. Segundo Carriço, a grande demanda oferecida pelo setor da construção civil nas décadas de 1950 e 1960 que, juntamente com o parque industrial de Cubatão, atraíram grande contingente de trabalhadores para a região. Essa época foi marcada pela estatização dos serviços públicos, como por exemplo, o setor ferroviário, as obras de saneamento básico, o fornecimento de gás e transporte público urbano.<sup>6</sup>

Nesse período, no âmbito nacional, as pressões políticas e sociais eram intensas, causadas principalmente pelo alto déficit habitacional e pela falta de acesso às melhorias urbanas, por parte da população que migrava de forma significativa de outras cidades e de áreas rurais. Com o objetivo de promover o desenvolvimento de regiões estratégicas, o estado autorizou a abertura de empresas públicas nas cidades-chave desse processo que tinham como principal tarefa a elaboração e implantação de planos diretores com a finalidade de ordenar e sistematizar a ocupação de suas áreas urbanas. Em São Paulo, por exemplo, foram criadas a Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S.A (EMPLASA), a Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo (EMURB), a Coordenadoria Geral do Planejamento (COGEP) e o METRO. Segundo Wisnik, a atuação do arquiteto era cada vez mais requerida, a sociedade finalmente reconhecia o arquiteto como um profissional independente em relação ao engenheiro, levando a profissão a ser finalmente reconhecida pela sociedade, "o mercado para arquitetos e urbanistas assumia proporções gigantescas."<sup>7</sup> Nesse sentido, a cidade de Santos, pela sua importância no sistema de metropolização da cidade de São Paulo conforme o exposto, deveria preparar seu plano diretor que, além do ordenamento da própria cidade, iria servir como um modelo para os outros municípios da região da baixada.

Em 1965, o prefeito de Santos, Silvio Fernandes Lopes, engenheiro formado pela Escola de Engenharia Mackenzie em 1947, fundou a Progresso e Desenvolvimento de Santos S.A. (PRODESAN), empresa pública com mais de 90% dos ativos pertencentes à municipalidade, cujo objetivo principal era o planejamento e a elaboração de projetos e execução de obras públicas para a cidade de Santos. O primeiro presidente nomeado da PRODESAN foi o engenheiro-arquiteto Aníbal Martins Clemente, formado pela Escola Politécnica da USP em 1940. Ao ser empossado, ele imediatamente organizou um concurso público para a formação do primeiro quadro profissional composto por arquitetos e engenheiros - mesmo depois de aprovados em concurso e, antes de tomar posse, esses profissionais precisaram do "aval técnico" do prefeito. Segundo o professor Sergio Novita Fortis, engenheiro também formado pela Escola de Engenharia Mackenzie em 1963 e um dos contratados, "esse grupo não deveria ser grande para não correr o risco de se transformar em um organismo público inchado e inoperante".

---

<sup>6</sup> CARRIÇO, José M. *Legislação urbanística e segregação espacial nos municípios centrais da região metropolitana da Baixada Santista*. Dissertação (mestrado em arquitetura e urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002. p. 56.

<sup>7</sup> O artigo 79 da Lei Orgânica dos Municípios do Estado de São Paulo passou a exigir a elaboração dos Planos Diretores de Desenvolvimento Integrado – PDDI das cidades do estado, sendo necessária a criação de empresas públicas que, por sua vez, favoreceram o surgimento de grandes empresas de projeto e consultoria e, com elas, os grandes escritórios de arquitetura. WISNIK, Guilherme et al. *Fórum, o percurso do ensino na FAU*. Revista *Caramelo*, nº 6, jun. 1993. p. 15.

Em 1966, o compacto quadro técnico da PRODESAN era composto pelos engenheiros-arquitetos Oswaldo Corrêa Gonçalves e Heitor Ferreira de Souza, e tinha como principal tarefa a elaboração do Plano Diretor Físico de Santos. Entretanto, mesmo com a participação do presidente da empresa, Aníbal Martins Clemente, e do próprio prefeito da cidade, o plano foi concluído somente em 1968, como uma espécie de dossiê. O grupo percebeu a grande oportunidade que se revelava, mas também uma complexa e extensa tarefa para ser elaborada por um quadro profissional tão reduzido.

Fizemos o plano que, até aquela data (1966), era um amontoado de retalhos de leis. Nós levantamos toda a posição da cidade naquela época, fizemos o diagnóstico, uma série de propostas para a solução urbanística da cidade e, ao mesmo tempo, apresentamos e discutimos com o prefeito Silvio Lopes os projetos de lei da criação do Plano Diretor Físico de Santos, do Código de Edificações, do Código de Posturas, de um Plano diretor Físico para Bertioga e da preservação dos morros de Santos.<sup>8</sup>

O Plano Diretor de Santos foi implantado através da Lei nº 3529 de 16 de abril de 1968 e vigorou por cerca de 32 anos, um longo período ordenando as transformações urbanas da cidade no qual sofreu poucas alterações e só foi substituído no ano 2000.

Santos é uma cidade que se caracteriza pela multiplicidade de suas funções. Sua posição geográfica privilegiada assegurou-lhe o papel de porta e escoadouro de uma rica e vasta área do território nacional. Destacando-se a importância da função portuária que Santos exerce e que vem contribuindo decisivamente para seu desenvolvimento, essa função esteve sempre ligada à de grande empório comercial, incluindo uma intensa atividade atacadista e varejista que alcança dimensões regionais. Mais recentemente, Santos passou a se projetar como centro turístico e recreativo. Não são menos significativas as suas funções cultural e de prestação de serviço, que ultrapassam os limites do território [...].<sup>9</sup>

O plano reforçou a existência de um promissor mercado de trabalho para os arquitetos e urbanistas de São Paulo e, em 1970 a Revista *Acrópole* dedicou a edição de número 374 à “Região Santista”, publicando diversos projetos e obras de arquitetos renomados da capital executados nas cidades litorâneas da Baixada. Importa dizer que, nesse mesmo período, extrapolando o universo da arquitetura, Santos também se destacava em outros campos artísticos e intelectuais como, por exemplo, no teatro amador de Plínio Marcos, no ativismo político da artista e escritora Patrícia Rehder Galvão, a Pagu, que ajudou o teatro e a cultura a se desenvolver na cidade, com o Festival de Música Nova, evento internacional de música contemporânea, criado em 1962 por Gilberto Mendes, dentre outros.

Era de se esperar que a efervescência gerada pelo conjunto desses fatores resultasse em uma grande demanda por projetos, não só os urbanísticos determinados pelo Plano Diretor de Santos, mas também projetos de edificações para habitação, educação, saúde, cultura etc., ou seja, a PRODESAN precisava ampliar seu quadro técnico. Entretanto, diante da escassez de profissionais arquitetos

---

<sup>8</sup> GONÇALVES, Oswaldo Corrêa. *entrevista com o professor arquiteto Oswaldo Corrêa Gonçalves*. Santos, 21 nov. 1982, entrevista a Edison Gloeden e Eugênio Lara. p. 6

<sup>9</sup> Trecho do Relatório do Plano de 1968 para Santos elaborado pela equipe de Oswaldo Corrêa na PRODESAN. GONÇALVES, Oswaldo Corrêa. *O plano diretor físico de Santos*. Revista *Acrópole*, São Paulo, nº 374, junho de 1970. p. 15.

residentes na Baixada, contava quase que exclusivamente com a disponibilidade dos arquitetos e urbanistas oriundos da capital, e isso, de certa maneira, dificultava a contratação imediata desses profissionais. Os problemas para suprir esses cargos estavam relacionados a fatores como a distância que exigia deslocamento diário ou mudança de suas cidades de origem e a falta de conhecimento específico da cidade de Santos e a adaptação do profissional às questões regionais.

Nesse sentido, tornou-se evidente a necessidade de formar quadros profissionais com conhecimento local. Oswaldo Corrêa Gonçalves percebeu que essa era a oportunidade para propor o estabelecimento de uma faculdade de arquitetura na cidade, capaz de fornecer os quadros técnicos necessários para a PRODESAN que, como gerenciadora, absorveria os profissionais formados pela futura escola, e intermediaria a contratação de serviços dos futuros escritórios de arquitetura e urbanismo que surgiriam na cidade.

É oportuno destacar que o aumento significativo do número de estudantes interessados na profissão, ao mesmo tempo que valorizava a categoria, esbarrava na falta de vagas nas escolas existentes, nesse caso, a FAU-USP e a FAU-Mackenzie que, incapazes de absorver essa demanda, deflagraram o problema do aluno excedente, ou seja, muitos candidatos eram aprovados no vestibular, mas acabavam nas listas de espera pela indisposição de vagas.

Em 1967, apesar do desejo de criar uma escola de arquitetura autônoma, Oswaldo precisou do apoio das Faculdades Católicas de Santos e, desse modo, junto ao arquiteto Aníbal Martins entraram em contato com o bispo diocesano de Santos e presidente da mantenedora Sociedade Visconde de São Leopoldo (SVSL) Dom David Picão<sup>10</sup> e propuseram a criação de uma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo para fazer parte do conjunto das Faculdades Católicas de Santos, que até então eram constituídas pela Faculdade de Direito, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e pela Faculdade de Ciências Econômicas e Comerciais.

Achamos que o município de Santos tinha uma série de elementos necessários e suficientes para que estudantes de arquitetura pudessem trabalhar, manipular, propor, enfim, realizar trabalhos sobre a cidade de Santos que, evidentemente, naquele momento estava em desenvolvimento e a cada instante surgia uma nova diretriz que deveria ser reestudada. Diante da quantidade de material existente, me pareceu muito importante que fosse utilizado por uma faculdade de arquitetura, razão pela qual propus ao Aníbal e ao Dom David, a criação de uma escola de arquitetura em Santos.<sup>11</sup>

A SVSL planejava a expansão das Faculdades Católicas com a criação dos cursos de Serviço Social e Comunicação e recebeu bem a ideia de estabelecer um curso de arquitetura, desse modo Dom David Picão consultou o Instituto dos Arquitetos do Brasil, departamento de São Paulo, pois segundo o próprio Oswaldo, o IAB/SP já havia se posicionado contra a proliferação indiscriminada de novas escolas

---

<sup>10</sup> Dom David Picão assumiu a presidência da Sociedade Visconde de São Leopoldo em dezembro de 1966, substituiu Dom Idílio José Soares, fundador dessa instituição em 1951. A cidade de Santos, no início dos anos 1950, contava com cerca de 250.000 habitantes e era deficitária no que dizia respeito ao ensino superior, assim em 1952, a SVSL implantou a Faculdade de Direito, em 1954, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIS), com os cursos de Pedagogia, Letras e Jornalismo e, em 1959, a Faculdade de Ciências Econômicas e Comerciais (FACECS). UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS. *Projeto Pedagógico de Curso – Arquitetura e Urbanismo*. Op.cit. p. 4.

<sup>11</sup> GONÇALVES, Oswaldo Corrêa. *Entrevista com o Professor Arquiteto Oswaldo Corrêa Gonçalves*. Op. cit. p. 6.

de arquitetura. Em resposta, o IAB/SP enviou um ofício ao presidente da Sociedade Visconde de São Leopoldo:

[...] vimos a sua presença externar o ponto de vista do Instituto dos Arquitetos do Brasil – Departamento de São Paulo – expedido em carta ao Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo por ocasião do problema do aluno excedente criado junto à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, cuja cópia anexamos à presente. Verificará Vossa Reverendíssima, que somos favoráveis à criação de novos quadros de profissionais arquitetos para participarem do processo de desenvolvimento que nosso país enfrenta; estamos certos que a cidade de Santos, uma das maiores em nosso estado pelo seu crescimento demográfico, já teria condições de merecer sua Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.<sup>12</sup>

A fundação da FAUS ocorreu em 1968 com o registro de seu estatuto no cartório das pessoas jurídicas da comarca de Santos, definida como “instituição não governamental de ensino superior, de pesquisa e estudo no campo da arquitetura e do urbanismo, e de divulgação científica, técnica e cultural”, tendo a Sociedade Visconde de São Leopoldo como mantenedora. Após grande expectativa, o governo federal autorizou a abertura de novos cursos superiores pelo setor privado, a partir de 1969.

A câmara de ensino superior, na sessão plenária de 29 de janeiro de 1970, pelo parecer nº 5 e homologado posteriormente pelo Decreto nº 66.568, de 14 de maio de 1970,<sup>13</sup> aprovou o curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos e, dessa maneira, em 6 de fevereiro de 1970 a FAUS publicou o edital do seu primeiro vestibular. Os exames tiveram início em 9 de março de 1970 e terminaram no dia 12 do mesmo mês.

Em um artigo publicado pela revista *Acrópole* em janeiro de 1970, o professor Eduardo Corona refletia os modelos vestibulares praticados pela FAU-USP e pela FAU-Mackenzie, ressaltando a importância dos aspectos técnicos e artísticos, inerentes à profissão, estarem contemplados na avaliação do candidato ao curso de arquitetura na mesma proporção. A tendência já era de unificação desses aspectos, mas Corona, indo além, propunha a unificação dos vestibulares para todas as faculdades de arquitetura em São Paulo, existentes e novas.

Temos atualmente, depois da FAU e do Mackenzie, a Fac. de arquitetura de São José dos Campos, a de Santos e dentro em pouco a de Mogi das Cruzes. Façamos então, para 1971 um vestibular único para todas, adotando o critério das opções individuais e, depois, um critério de exames inteiramente novo, que dure 15 ou 20 dias, ou 1 mês, mas que os candidatos tenham condições de demonstração de sua capacidade, através de muitas provas e diferentes, como se fez este ano na FAU com a Linguagem da Arquitetura (seis provas). Assim, vários testes na área da arte, vários na área de conhecimentos gerais e vários na área técnica, poderão avaliar melhor e com mais certeza da capacidade de cada candidato e das condições particulares que deve possuir para ser arquiteto.<sup>14</sup>

---

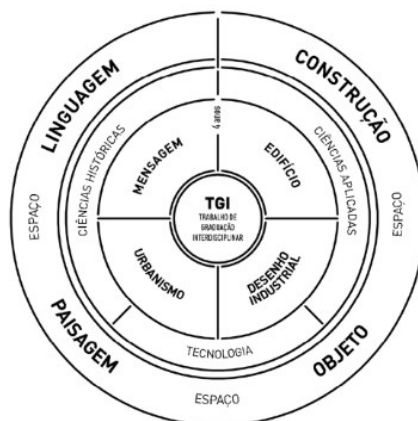
<sup>12</sup> IAB/SP. Ofício enviado a Dom David Picão. 8 ago. 1967.

<sup>13</sup> “Fica autorizado o funcionamento da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, mantida pela Sociedade Visconde de São Leopoldo, em Santos, Estado do São Paulo. Brasília, 14 de maio de 1970. Emílio Médici e Jarbas Passarinho”. UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS. *Relatório do ano letivo de 1970*. Santos, 1970. p. 1.

<sup>14</sup> CORONA, Eduardo. *Considerações sobre o vestibular*. Revista *Acrópole*, nº 369, set. 1970. p. 12.

OSWALDO CORRÊA GONÇALVES, 52 ANOS POLI-USP DESENHO DO URBANISMO   TITULAR		BENNO PERELMUTER, 35 ANOS FAU-USP DESENHO DO URBANISMO   ASSISTENTE	
TELÉSFORO CRISTÓFANI, 40 ANOS FAU-MACK DESENHO DA EDIFICAÇÃO   ADJUNTO		DAVID OTTONI, 43 ANOS POLI-USP DESENHO DA EDIFICAÇÃO   ASSISTENTE	
ABRAHÃO SANOVICZ, 35 ANOS FAU-USP DESENHO DA MENSAGEM   TITULAR		ARNALDO MARTINO, 30 ANOS FAU-USP DESENHO DA MENSAGEM   ASSISTENTE	
JÚLIO KATINSKY, 38 ANOS FAU-USP DESENHO DO OBJETO   TITULAR		RUY OHTAKE, 32 ANOS FAU-USP DESENHO DO OBJETO   ASSISTENTE	

DEPARTAMENTO DE PROJETO



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

SÉRGIO FERRO PEREIRA, 32 ANOS FAU-USP HISTÓRIA DA ARTE E ESTÉTICA   TITULAR	
RODRIGO LEFÈVRE, 32 ANOS FAU-USP HISTÓRIA DA ARTE E ESTÉTICA   ADJUNTO	
MARINA DE CAMARGO HECK, 26 ANOS FFCL-USP HISTÓRIA DA ARTE   ASSISTENTE	
GABRIEL BOLAFFI, 36 ANOS FFCL-USP ESTUDOS SOCIAIS   TITULAR	
DANIELLE ARDAILLON, 33 ANOS FFCL-USP ESTUDOS SOCIAIS   ASSISTENTE	
FRANCISCO DE OLIVEIRA, 37 ANOS CFCH-UFPE ESTUDOS SOCIAIS   ASSISTENTE	

DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA

MAYUMI SOUZA LIMA, 36 ANOS FAU-USP FÍSICA   TITULAR	
ORPHEU ZAMBONI, 24 ANOS FAU-USP FÍSICA   ASSISTENTE	
SÉRGIO SOUZA LIMA, 36 ANOS FAU-USP GEOMETRIA DESCRITIVA   TITULAR	
RONALDO DUSCHENES, 26 ANOS FAU-USP GEOMETRIA DESCRITIVA   ASSISTENTE	
ROBERTO LOEB, 28 ANOS FAU-MACK MATEMÁTICA E CÁLCULO   ASSISTENTE	
ANÍBAL MARTINS CLEMENTE, 53 ANOS POLI-USP DIRETOR	

Seguindo o modelo da FAU-USP, os exames contemplaram disciplinas técnicas, de ciências históricas e de Linguagem da Arquitetura em quatro partes. Dos 183 candidatos inscritos, 131 eram do sexo masculino e 52 do sexo feminino, 63% eram provenientes da cidade de São Paulo, 27% da cidade de Santos e o restante de diversas cidades do estado. As setenta vagas ofertadas foram preenchidas restando alguns candidatos em uma lista de espera. A aula inaugural do Curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUS foi ministrada no dia 10 de abril de 1970 às 21h no auditório da Faculdade de Filosofia das Faculdades Católicas de Santos por Luís Saia, formado engenheiro-arquiteto pela POLI-USP e diretor do 4º distrito do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Saia versou sobre problemas da arquitetura brasileira e da colaboração do arquiteto no desenvolvimento do país.<sup>15</sup>

O projeto de arquitetura para construção do edifício da FAU-Santos foi resultado de um concurso fechado entre os professores da escola entre 1972-1973, cujo programa de utilidades e o sistema construtivo adotado foram determinados através de fóruns de debates entre docentes e estudantes da FAU-Santos, o professor vencedor do concurso Michail Lieders iniciou o projeto e o professor Oswaldo Corrêa Gonçalves passou a integrar a equipe de desenvolvimento do projeto legal sendo o responsável pela sua aprovação junto à Prefeitura Municipal de Santos. Pela velocidade de execução, foi escolhido o sistema construtivo com pré-moldados de concreto protendido e, neste sentido, foi contratada a Construtora Rodrigues Lima que, além de possuir grande experiência em pré-fabricação, tinha sob seu comando o arquiteto Otacílio Rodrigues, o que na opinião dos autores era fundamental ter um arquiteto-construtor.

O sistema estrutural é totalmente padronizado, as peças dos painéis das lajes e de fechamento do edifício são desenhadas na mesma modulação de 2,50 metros, perfazendo um total de 259 peças. Além disso, os demais elementos construtivos são projetados neste mesmo sistema modular de maneira a integrar estrutura, fechamentos, divisórias industrializadas, caixilhos e elementos de proteção solar.

O caráter restritivo do terreno com reduzidas dimensões foi decisivo nas decisões do projeto, pautadas pela busca do máximo aproveitamento do potencial construtivo do lote que, apesar de resultar em certo esquematismo, constatado no empilhamento das lajes, o projeto revelou o desejo de estabelecer com a cidade as melhores relações de continuidade espacial, como na FAU-USP, não tinha portas, era um constante convite para o visitante e, ao mesmo tempo, uma constante afirmação para seus estudantes da importância do caráter público e coletivo. Tal desejo pelo coletivo também pode ser verificado na ênfase dada aos espaços de convívio, tendo o atelier e o pergolado da cobertura sua maior expressão

A Sociedade Visconde de São Leopoldo, mantenedora das Faculdades Católicas de Santos, assumiu todos os custos desta grande empreitada, desde a compra do terreno, construção do edifício e manutenção, até os dias de hoje. Este edifício foi o primeiro a ser concebido e construído utilizando este avançado sistema de pré-fabricação em concreto armado e protendido na cidade de Santos.

Neste sentido, graças à flexibilidade prevista em seu projeto, o prédio da FAUS foi capaz de se adaptar às novas demandas e garantir que as alterações impostas não descaracterizassem sua configuração principal, estas se restringiram a arranjos internos executados com divisórias, em sua grande maioria, compostas por painéis de madeira industrializados, no entanto, com evidente prejuízo das áreas livres de

---

<sup>15</sup> UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS. *Relatório do ano letivo de 1970 da FAUS*. p. 5.

convívio. Além destas transformações o prédio, desde sua inauguração, admitiu o compartilhamento de seus espaços com outros cursos oferecidos pela Sociedade Visconde de São Leopoldo, primeiro Serviço Social, depois Engenharia civil e atualmente Direito. Estes cursos ocupam o terceiro pavimento do prédio desde 1984, quando o pergolado foi coberto. O edifício ficou pronto em 1976 e a FAUS foi reconhecida através do decreto nº 77.441/1976.

Em 1976, ano em que a FAUS inaugurou seu novo prédio, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São José dos Campos (FAU-SJC) foi fechada e, indo além das justificativas de ordem econômica apresentadas pela Mantenedora Fundação Valeparaibana de Ensino (FVE), a extinção da escola tinha motivações ideológicas e políticas e resultava de pressões internas e externas ao universo institucional. Esse fato provocou um novo movimento migratório de professores e a FAUS recebeu os arquitetos Ari Vicente Fernandes, Paulo de Mello Bastos e Jorge Caron que, enfraquecidos para se reorganizarem politicamente naquele momento, aceitaram as condições de trabalhar sob a linha de Vilanova Artigas. Nesse ponto, interessa dizer que o legado deixado por Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre, Francisco de Oliveira, Mayumi Watanabe e Sérgio Souza Lima, definitivamente, não foi algo para ser desconsiderado e, de certo modo, foi continuado, ainda que sutilmente, em um primeiro momento pelos seus ex-alunos da FAUS e, posteriormente, pelos professores refugiados da FAU-SJC.

A resistência à repressão e à imposição de pedagogias instrumentais do governo consolidou e afirmou a importância dos movimentos estudantis na luta pela elaboração coletiva e paritária de estruturas curriculares críticas, pautadas por princípios libertários para a melhor formação do arquiteto. Esses grupos formados dentro de escolas públicas e particulares, independente da atuação do governo, promoveram debates de alto nível com instituições governamentais a partir dos escritos de professores como Edgar Graeff, Ari Fernandes, Jorge Caron, dentre outros.

Mas, naquele momento, a tênue linha de paz não era forte o bastante para suportar o desgaste do contínuo processo de discussão entre grupos tão heterogêneos e, nesse sentido, no início de 1980, a FAUS viveu uma nova crise que, diferente da polarização do quadro docente e discente da escola em 1972, unificou professores e estudantes na luta contra as esferas de poder instituídas. Configurou uma nova oportunidade para se repensar qual era o perfil do arquiteto formado na FAUS, qual o papel da escola na cidade e na região e como estabelecer parâmetros paritários e democráticos nas decisões dos caminhos a serem tomados daquele momento em diante.

O estado de crise se estendeu por todo o primeiro semestre de 1982, tornou-se público e despertou o interesse da imprensa local que passou a registrar todos os acontecimentos. Em resposta, a comunidade acadêmica criou a Comissão de Defesa da FAUS, composta por professores e alunos. Essa comissão, baseada nas declarações públicas dos dirigentes da instituição, afirmava que o movimento difamatório da FAUS poderia estar relacionado com a intenção da SVSL de fechar a escola em função da unificação regimental dos cursos, visando a criação de uma universidade. Esta hipótese, também pode ser verificada em um dos relatórios confidenciais do DOPS-Santos:

Diante dos fatos, aparentemente, existe interesse da mantenedora em fechar a FAUS, [...] tal medida não foi tornada pública pela mantenedora, mas deixa clara essa intenção com

a abertura do vestibular para o curso de Pedagogia [...] além desse fato, a mantenedora organizou uma comissão de professores para o estudo da unificação dos regimentos das seis faculdades mantidas pela SVSL. Os alunos da FAUS realizaram várias reuniões de repúdio ao cancelamento do vestibular da FAUS, no entanto, até a presente data, embora contando com o apoio do Centro dos Estudantes de Santos (CES), não conseguiu sensibilizar os dirigentes da mantenedora.<sup>16</sup>

A Comissão de Defesa da FAUS solicitou ajuda de diversas instituições como o IAB-SP, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Câmara de Vereadores de Santos, os sindicatos de arquitetos, professores, sociólogos, etc. Recebeu apoio de todas essas, além de uma série de outras instituições públicas e privadas de todo o país, por meio de correspondências, telegramas e visitas e a imprensa local passou a publicar quase que diariamente o embate que a FAUS travava com a mantenedora e seus representantes. Esse material foi cuidadosamente organizado pelos estudantes e professores em um dossiê conhecido como “Livro Azul”<sup>17</sup> e também pelo DOPS-Santos, que acompanhava silenciosamente os desdobramentos da crise, ao ponto de Oswaldo Corrêa fazer a seguinte ponderação: “É importante não tomar nenhuma atitude sem primeiro conversar com todos, alunos e professores. Senão nos desentenderemos, e a escola, é preciso que se diga, está muito visada. **A FAUS, por outro lado não é só nossa: alunos, professores, administração e direção, mas também é da comunidade.**”<sup>18</sup>

Não obstante, ao longo dos noventa dias em que a escola ficou parada, estudantes e professores, paralelamente aos debates, assembleias e reuniões, organizaram algumas atividades de extensão com objetivo de avançar alguns pontos que vinham sendo discutidos desde os fóruns da década anterior. Dessa maneira, em maio de 1982, o professor Walter Maffei, baseado na experiência da formação do Laboratório de Habitação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Belas Artes de São Paulo, escreveu o primeiro documento concebendo um núcleo de pesquisas e projetos no campo da habitação para a FAUS. Com o objetivo de aproximar a teoria ensinada em sala de aula da prática da profissão, focou em um dos grandes problemas sociais da região: a questão habitacional.

Indo nessa direção, o Professor Mauricio Nogueira Lima, ex-integrante do Grupo Ruptura<sup>19</sup> e com sólida carreira como artista do movimento concreto de São Paulo, reuniu-se com os estudantes para organizar uma exposição com os trabalhos produzidos na FAUS, merece destaque o painel geométrico feito no atelier da escola com a ajuda dos alunos.<sup>20</sup> Organizaram uma semana cultural com exposições,

---

<sup>16</sup> DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTOS (DOPS-Santos). *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos*. Op. cit.

<sup>17</sup> DIRETÓRIO ACADÊMICO LUCIO COSTA. *Dossiê da Crise de 1982*. Op.cit. Não p.

<sup>18</sup> GONÇALVES, Oswaldo Corrêa. *Entrevista com o Professor Arquiteto Oswaldo Corrêa Gonçalves*. Santos, 21 nov. 1982, entrevista a Edison Gloeden e Eugênio Lara. p. 8.

<sup>19</sup> Em dezembro de 1952, o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) abriu a exposição que marcou o início da arte concreta no Brasil. Intitulada Ruptura, a mostra é concebida e organizada por um grupo de sete artistas de São Paulo: Anatol Wladyslaw, Leopoldo Haar, Lothar Charoux, Féjer, Geraldo de Barros, Luiz Sacilotto e Waldemar Cordeiro. Alguns anos mais tarde, o Grupo Ruptura, contando com outros adeptos como Hermelindo Fiaminghi, Judith Lauand e Maurício Nogueira Lima, com o apoio dos poetas concretos paulistas, organizam a 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta (1956/1957). Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo538325/grupo-ruptura>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

<sup>20</sup> Mauricio Nogueira Lima expôs suas pinturas geométricas na III, IV e VI Bienal de São Paulo e foi convidado por Max Bill a participar da mostra *Konkrete Kunst*, realizada em Zurique em 1960. Disponível em: <<http://mauricionogueiralima.com.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

trabalhos de extensão comunitária, oficinas, palestras e debates sobre o ensino de arquitetura. Abriam a FAUS para a cidade e, principalmente, para os seus vizinhos participarem dos eventos durante os dias 14 a 19 de junho de 1982.



Painel produzido pelo professor Mauricio Nogueira Lima no atelier da FAUS, com a ajuda dos estudantes. Cartaz com a programação da Semana da FAUS 82. Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.



Estudantes e professores em assembleia no atelier da FAUS, em pé na cadeira, Edison Gloeden que, junto a Eugênio Lara foram dois estudantes muito ativos em favor da FAUS durante a crise de 1982. Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.

Aproveitando a oportunidade da presença dos vizinhos, os alunos explicaram que o barulho produzido na escola, a despeito do excesso de alguns grupos, era muito em função da falta de eficiência térmica e acústica do prédio, até então inacabado,

pois como podia ser visto naquele momento, os vãos ainda estavam abertos, sem caixilharia e sem vedação. Dessa forma, conseguiram o precioso apoio dos vizinhos na exigência por melhores condições de infraestrutura junto à mantenedora.

A SVSL recebeu uma série de ofícios, telegramas e cartas de repúdio de diversas instituições da cidade, região e do Estado de São Paulo. A falta de diálogo e mediação fez com que alunos e professores procurassem a Câmara Municipal de Santos para interceder, mas não obteve sucesso. E mesmo com a intermediação do Cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, a mantenedora se mostrou irredutível na negativa de dialogar com alunos e professores.<sup>21</sup> O corpo discente abriu um processo judicial contra a SVSL e passou a depositar o valor das mensalidades em juízo. Da mesma maneira, o corpo docente recorreu à justiça solicitando a readmissão dos dezessete professores e da secretária. Os Departamentos de Projeto, Tecnologia e Ciências Históricas se manifestaram a favor dos docentes demitidos, repudiaram o desrespeito ao regimento e a cada um dos professores da FAUS, informando ao diretor que não havia condições dignas e morais para o prosseguimento das atividades didáticas.



À esquerda, Maria Argentina Bibas, uma das professoras demitidas, com estudantes. No centro, plenária de manifestação de apoio aos professores demitidos. À direita, passeatas pela readmissão dos professores e pela garantia de direitos e liberdade de expressão, 1982. Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.

Em meio a esse cenário em ebulição, o grupo Arte e Oficina<sup>22</sup> construiu uma escultura em concreto armado com a forma da letra “a” minúscula. Com um metro e meio de altura e pesando setecentos quilos, foi projetada e moldada pelos estudantes utilizando argila expandida. A intenção do grupo estava alinhada com as outras ações de aproximar a FAUS da comunidade e vizinhos. Nesse sentido, a letra “a” que inicia o alfabeto e o nome do grupo, representava o desejo da escola em refundar suas relações com seu lugar, e era uma forma de marcar um novo ponto de contato entre a FAUS e a cidade.

<sup>21</sup> Carta enviada pela comissão de Defesa da FAUS para a Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas (ABESC), em 13 de julho de 1982. DIRETÓRIO ACADÊMICO LUCIO COSTA. *Dossiê da Crise de 1982*. Santos, 1982. Não p.

<sup>22</sup> Grupo formado pelos estudantes do último ano da FAUS: Luisa Alegria, Cesar Costa, Jacques Moraes, Marcos Frugoli, Luís Acosta e Paulo Ferreira em matéria publicada no dia 11 de agosto de 1982 pelo *Jornal a Tribuna de Santos: Um presente de 700 quilos*. DIRETÓRIO ACADÊMICO LUCIO COSTA. Ibid. Não p.

Juntamente com um grupo de amigos, resolvemos fazer um "a" como protesto contra a demissão de vários professores. Tivemos a oportunidade de utilizar o depósito da construtora de um amigo do grupo para fazer a complexa caixaria, armadura de ferro a concretagem do "a". Foi um exercício interessante para quem não tinha prática de obra. Para obtermos a autorização de sua instalação na entrada do prédio da FAUS, junto à escada de acesso principal, foi dito para a mantenedora que se tratava de uma homenagem à escola, o que não deixava de ser verdade. Depois de concretado e curado, um caminhão o levou para ser chumbado no piso, tivemos o cuidado de o deixar "suspense" no ar, solto do chão. Sutilezas que, com as sucessivas reformas do piso, já se perderam. Instalado, finalmente pintamos o "a" de vermelho!<sup>23</sup>



O "a" da FAUS.

Em resumo, pode-se dizer que, independente das motivações, a crise de 1982 foi uma oportunidade para a FAUS repensar suas relações com a SVSL e, principalmente, com a cidade. Naquele momento, qualquer sinal ou menção de apoio às posturas alinhadas com as esferas de poder, afeitas ao controle e imposição de procedimentos administrativos e pedagógicos, deveria ser rechaçado. Nesse sentido, por descuido ou inabilidade política, a aspereza da direção e da mantenedora na ruptura dos canais de diálogo com a FAUS foi interpretada como uma postura contrária às reivindicações dos movimentos estudantis que mobilizavam escolas de arquitetura de todo o país.

A crise da Faculdade de Arquitetura teve também seu lado positivo. Não apenas no que se refere ao contraste com a inércia, tão característica da modorrenta Santos. Por esse aspecto, que já seria suficiente, tivemos verdadeira movimentação social, trazendo à tona as adormecidas **forças vivas** da Cidade.<sup>24</sup>

O processo de discussão sobre a qualidade de ensino nos cursos de arquitetura se estendeu e, em 1986, diante das transformações ocorridas no país com a "abertura democrática" e já no contexto da Universidade Católica de Santos, a FAUS realizou um Seminário de Avaliação do Ensino e, diferentemente do questionário de Noêmio Xavier, envolveu estudantes e professores ao longo de uma semana, dispondo inclusive de uma ficha intitulada "o que pensam os alunos de seus professores".<sup>25</sup> Em 1987, o Diretório Acadêmico organizou outro seminário de avaliação para debater as propostas apresentadas no ano anterior.

---

<sup>23</sup> Depoimento da arquiteta Luisa Alegria, ex-integrante do grupo Arte e Oficina da FAUS, dado ao autor em 19 de julho de 2016.

<sup>24</sup> ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA SOCIEDADE VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. *A Crise da FAUS e as lutas da Associação*. Boletim informativo nº 8. nov.1982. pp. 1-3.

<sup>25</sup> Ofício circular 636/86. UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS. *FAUS: Ofício Circular 636/86*. 3.p. Santos: UNISANTOS, 1986. mimeo.

A resistência às imposições curriculares do governo militar vista na FAUS, estava apoiada no desejo por uma formação fundada sobre princípios democráticos e emancipadores, potencializados pela confiança mútua entre seu corpo docente e discente. Ao longo da década de 1970, o movimento nacional contrário ao ensino instrumental refletia na escola e, logo depois da crise de 1982, transpôs as discussões políticas e pedagógicas do plano teórico para o campo concreto, ou seja, as transformações curriculares cobravam alterações na estrutura do edifício e, inexoravelmente, fundia pedagogia e espaço.



Oswaldo Corrêa Gonçalves em frente ao Prédio da FAUS com seus estudantes. Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.

A presente leitura demonstra o caráter didático deste projeto que juntamente com sua construção envolveu professores e alunos na discussão, concepção e desenvolvimento das propostas e teve como objetivo construir um edifício com caráter inovador na região. A materialidade apresentada em sua forma bruta, estrutura, vedações e instalações totalmente aparentes, a aplicação de materiais industrializados, desde o início, teve pretensões de ser um instrumento de apoio ao ensino, uma construção que reafirma indefinidamente o propósito de que o desenvolvimento e a aplicação de novos conceitos e tecnologias configuram novas possibilidades para o desenvolvimento econômico e social do país, uma contundente afirmação da linha de pensamento de Vilanova Artigas. É legítimo, portanto, enquadrar mesmo que tardiamente, o prédio da FAUS como um verdadeiro exemplar da chamada escola paulista de arquitetura.



“Oswaldão” diante da FAUS em 2004. Arquivo Gino Caldatto. Fonte: MACEDO FILHO, J. M. D.

Concluindo, o prédio da FAUS é um exemplar magnífico retratando uma história que contribui até hoje com as relações intrínsecas do lugar que ocupa, seja pelo marco físico na cidade, juntamente com o edifício da Faculdade de Direito, a Casa Amarela, seja pelas atividades desenvolvidas dentro dele. O atelier por exemplo, um verdadeiro laboratório da cidade, repleto de painéis artísticos que foram sendo agregados no decorrer do tempo, demonstram a importância da formação interdisciplinar que a arquitetura e o urbanismo tem com o espaço em que ocupa. Não há como remover esse lugar de características próprias para outro, dada a relação que tudo isso tem com a memória cultural. A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos exerce um ponto focal das discussões sobre arquitetura e políticas urbanas de toda a região da Baixada Santista e o edifício é um dos raros exemplos onde a função para a qual foi edificado é cumpridora dos seus aspectos formais e de localização. É insubstituível!

A FAUS não pode ser mais um bem cultural notadamente de valor inestimável que sucumbe a desvalorização e desinteresse social, que já levou centenas de lugares da memória santista à destruição, como o Parque Balneário, o Club XV, o Mercado do Peixe e que destrói tijolo por tijolo a Hospedaria dos Imigrantes.

Dessa forma, e cumprindo com o estabelecido no Regimento Interno deste conselho, através do descrito no Título II, Capítulo I, artigos 34 e 35 ,

Pedimos deferimento.

**Arq. Urb. Jaqueline Fernández Alves**

**Comitê Gestor da Jornada Santista do Patrimônio Histórico**

A Jornada Santista do Patrimônio Histórico é um coletivo que promove discussão sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade de Santos e Região.